

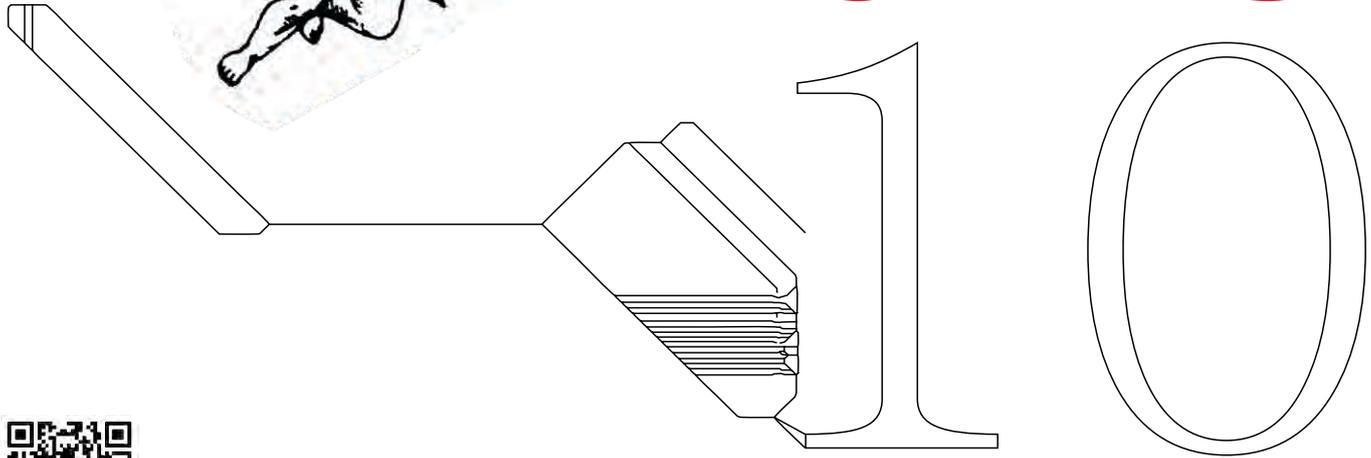
SUPLEMENTO  
**acre**

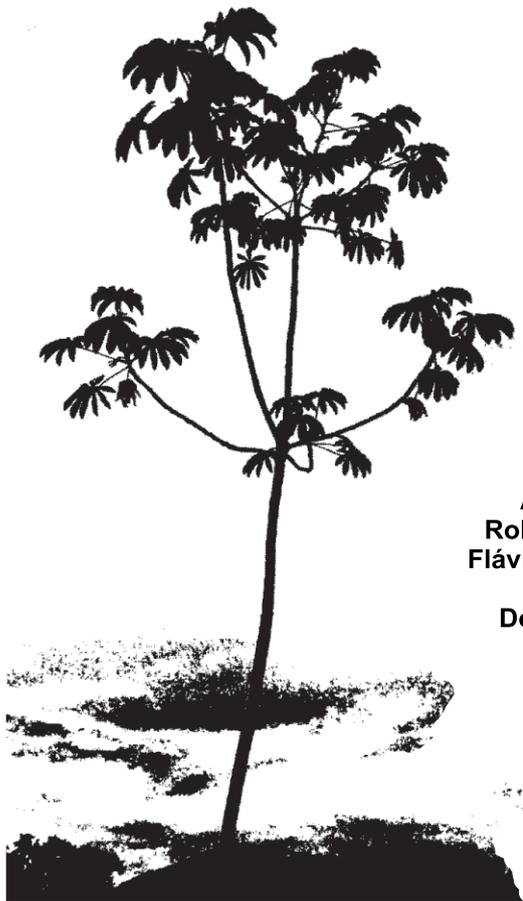
edição:

**10**

A black and white illustration of a winged cherub, possibly Cupid, holding a bow and arrow. The cherub is positioned behind the letter 'A' of the word 'Acre'.

# Acre





## SUPLEMENTO ACRE

#010 - março, abril, maio de 2017

tiragem infinita,

**VÁRIOS COLABORADORES.**

Capa: Arte em stencil. (Rômulo Ferreira)

criação de arte: Rômulo Ferreira

**ONDE ENCONTRAR MAIS:**

Ruas da Cidade, Sala Cecília Meireles (Lapa),  
via Carta, com os participantes, Sarau AMEOPŌEMA,

...

investimento: valor indefinido || 0800 em formato e-book

[outrasdimensoes@gmail.com](mailto:outrasdimensoes@gmail.com)

[suplementoacre.blogspot.com](http://suplementoacre.blogspot.com)

[facebook.com/ameopoema](https://facebook.com/ameopoema)

*Outras Dimensões* Selo Editorial

Murilo Mendes || Cesar Landucci || Luiz Vaillant ||  
Annie Davidson || Sula Suli || Francis Picabia || Juan Pardo ||  
Roberto Piva || Carla Morsch || Carol Pitzer || Mariana de Lima ||  
Flávia Alves || George Ferreira Lau || Mell Calado || Mário Jorge ||  
David Monsoro || *Edmilson Borret* || Marina Marins ||  
Domitila MataH(ari)acker || Sérgio Bernardo || Erick Amancio ||  
Conrado Gonçalves || Ara Nogueira || Matheus Matheus ||  
Fabio da S. Barbosa || *Anna Monahan* || *Raphael Mozer* ||  
*Rômulo Marvila* || Maurício Rosa || Maria Mitsuko ||  
Gabriel Bicho || José Jorge Miquinioty ||  
I Quinzena de ARTE POSTAL de Visc. de Mauá ||

ne  
sta  
edição



# A POESIA E A RUA (E os poetas na rua ou no olho da mesma)

*De paseo.* - Juan Pardo 2005  
Grabado CAD CAM e aguaforte  
TEXTO: Luiz Vaillant

A poesia é bela em todo canto, é surpreendente em qualquer boca, qualquer sarau, até mesmo em casas de distintas famílias.

Mas tem uma forma de fazer, ler e viver poesia que muito me interessa e dela quero tratar.

É essa maneira de ser poesia que está fora do controle social, fora de academia universal, é essa poesia que anda pela rua, que não é minha, nem sua, é em si mesma, nua.

Despida de ditos, contraditos, obrigações com métrica ou desobrigações com a rima, com ela não tem pinima. É uma senhorita criativa, muito menina, que, na rua, se liberta e fala como quiser na boca de qualquer poeta que se digne a recitar, inventar, cantarolar poesia na rua.

Ela também se apresenta por bocas menos humanas, como nas faces dos belos prédios antigos de nosso Rio de Janeiro e seu estilo multifacetado, que mistura Art Deco com Gótico, Modernismo e simplicidade, condomínios e favelas.

Ela reside na dança das árvores, sopradas por uma boca de lobo com cheiro de barata na Av. Presidente Vargas. Ela, na rua, está viva! Viva!!!

Não se rende a nenhum senso estético ditatorial, é múltipla e diversa, ela é a dança dos Ratos e seus Versos na Lapa, é vista no belo Amor por um Poema, na Fé que se Bota num Sarau na escadaria da Taylor, no Escritório a céu aberto e suas megalomâncias, em homens, mulheres, homens-mulheres mulheres-homens e papéis voadiços pelo CCBB, ela bebe nas vernissages, pois pouco lhe pagam e, por vezes, vezes a ignoram e a seus portadores.

Mas acima de tudo a poesia, na rua, no tempo, nas pessoas, nos prédios, árvores e baratas não desiste de criar um mundo mais humano, seja ele belo ou feio, um mundo mais íntimo, que nos liga por nossa emoção, nossa poeisis (criação) e nossa auto-poeiesis (auto-criação)

.A poesia não diz uma palavra e muda tudo, ela é o novo, de novo.





Quando te sentia  
desfaleceu  
Ouvi te coração bater  
Pequenino  
Teu mergulho foi fundo  
Perdeu-se da noite  
Encontrou-se na tuas entranhas  
Acho que desfez alguns nós  
Senti tua pequena morte  
Funda  
No dia de ontem encontrou-se  
amanhã

Só olhei  
Por muito tempo te olhei  
Na tua pequena morte

**Carla Morsch**

*facebook.com/carla.morsch*

**foto:Mariana de Lima**  
**@marianadelima**

# MÁQUINA

na esteira, são todos iguais.  
produzem cabeças  
produzem memórias  
todos iguais.  
movimentos precisos.  
precisam sobreviver.  
o rosto não é um rosto.  
o rosto é um rastro de graxa  
o rosto é um resto de papel  
o resto é um rosto de aço  
o roto é um resto de gente  
ratos  
girando a roda da fortuna  
que geme, que gira  
a carne rota  
a rota te espera  
na esteira, mais um rosto  
todos iguais.

**Carol Pitzer**

*carolpitzer@gmail.com*

**Mário Jorge** de Menezes Vieira nasceu em Aracaju/SE em 23 de novembro de 1946, falecendo na mesma cidade num acidente automobilístico em janeiro de 1973. Começou o Curso de Direito na Faculdade de Direito de Sergipe (hoje UFS) em 1966 e, posteriormente, mudou-se para São Paulo para cursar nessa metrópole o Curso de Ciências Sociais, mas sem conseguir concluir o curso. Foi militante do movimento estudantil na década de 60, durante o período da Ditadura Militar no Brasil, sendo preso em 1968 e respondendo a alguns processos por causa das suas atividades consideradas



como subversivas perante o governo da época, e absolvido em 1972.

No ano de 1968, Mário Jorge publicou o seu primeiro e único livro em vida, *Revolução* (em formato de envelope). Além desse livro, o poeta também publicou poemas e artigos em jornais e revistas de Sergipe, sendo editor de um jornal chamado *Toke*, envolvendo-se na produção de alguns filmes, participação em alguns festivais de músicas, e colaboração em peças de teatro.

Quanto à produção literária de Mário Jorge, nota-se a influência das Poesias de Vanguarda, destacando-se mais a poesia concretista, práxis, social e marginal, e também influências da Tropicália.

O contexto dos seus poemas retrata temas semelhantes aos do Futurismo, com tons líricos, agressivos, experimentais, passando ideias, que sem dúvida, são radicais para quem os lê. Com um caráter de denúncia social como os problemas durante o Regime Militar no Brasil e a influência de protestos Híppies como os do período da Guerra do Vietnã.

*Poesia que liberta*

## OBRAS

\* Revolução (1968)

Obras póstumas

\* Poemas de Mário Jorge (1982)

\* Silêncios Soltos (1993)

\* Cuidado, Silêncios Soltos (1993)

\* De Repente, há Urgência (1997)

\* A noite que nos habita (2003)

\* Revolução (2013)

\* Poemas de Mário Jorge (2013)

**de repente,  
há urgência...**



Poemas de Mário Jorge

viver é a obra  
morrer é a meta  
o que mais sobra?  
maldade, hipocrisia.  
o bem não resiste, sossobra  
vida, árida, vaga, fria

O marginauta imagina-se  
Em remotas plagas onde o vento  
Não habita seu ninho de nuvens

O marginauta fez-se só  
E a solidão ácida dos dedos  
Cruzando-se em mãos alheias  
Ao chiqueiro do corpo

O marginauta maluco margina  
Andante duro de mágicas  
Cansado de sons trágicos  
Toma a nave e decola

**poemas por  
Mário Jorge**

## PAISAGEM URBANA

**A  
PALAVRA  
FOTO(GRÁFICA)MENTE  
CONSUMIDA**

**ANUN Cia.**

a

**V E N  
D I  
D  
A**



foto::  
Vanessa Garwood

Elevado ao grau das alfabéticas  
potências de um palavrório mudo  
aberto em quintessência por uma  
nota oculta que reverbera endêmica  
harmonioso campo que se traduz  
nos dentes e faz um peixe-cego  
constatar sem lentes  
que todo o firmamento é uma

## CONSTELAÇÃO

Texto:: David Monsores  
david\_taba@hotmail.com

## O IMPERADOR

Como o diabo que dá as costas  
Olhos impiedosos, vulgarmente cruel.  
Pés fincados, coisa opaca.  
Pequena estrela, sutil, enfeite de tornozelo,  
brincos de calcanhar;  
na língua veneno, mais ainda no coração.

**Rômulo Marvila**  
romulotmarvila@gmail.com



**MOTO-CONTÍNUO** Não tenho carro.

Não sei dirigir.

Nunca pensei em ter um carro.

Há carros demais neste mundo sem direção.

E aonde é preciso ir,  
eu sempre me dirijo.

 **Sérgio Bernardo**  
/sergio.bernardo.7921

## PERDAS: E GANHOS

o vapor perde a carga  
aí o playboy perde o carro  
aí o asfalto perde a segurança  
aí o coronel perde a paciência  
aí a favela perde o sossego  
e aí o vapor perde a carga

a matemática não dá conta de explicar  
tanta subtração gerando tantos proventos  
a biologia quase chega lá:  
na natureza nada se perde nem se cria...  
mas é o direito penal que completa:  
tudo se transvia

**Erick Amancio**  
fb.com/erickamanciolima  
foto: Flávia Alves::: fb.com/flasouzalves

# Cinema & o PARAÍSO

Cinema é Paradiso. A vida é doce. A vida é dura. A vida dura. Dura mais que um longa. Vida longa. Longo longa-metragem. Agridoce morrer: música bonita de fundo acompanhando os créditos finais. Fechar de cortinas: os beijos finais censurados não foram incinerados - são eternos pelos olhos de todos aqueles que o virem. Beijo nos olhos; pálpebras bem abertas, íris brilhantes.

Odeon: tempo bom, tapete vermelho, cheiro de pipoca & glamour a rigor. O belo não envelhece - é restaurado.

Luz de fogo, luz de tela, luz dos olhos: enxergar profundamente como quem advinha. Não lançar um olhar comum sobre nada que aconteça. Tudo é extraordinário e está em movimento a todo tempo.

Luz - Lumière - lumiar, limiar de fotocópia. Lusco / fusco - claro / escuro / claro: duas mil e oito odisséias no espaço porque (inda não) vi "Simão no Deserto". Cinema é paraíso - cinema é reconforto. Sonho que vira realidade por um momento caríssimo e volta a ser sonho, ao preço de um ingresso, (re)projetado na tela. Nós, sonhadores - realizadores & exibidores de sonhos. Ofertar sonhos como flores. Sem legendas.

**Matheus Matheus - MG**  
junkiesvilipendiados.blogspot.com.br

Muso de minha mais profunda composição  
das palavras, dos sentidos mais ocultos  
Dos vultos, dos versos avulsos  
Das tonturas e dos dizeres  
que eu não digo  
Quero morar contigo

 **Marina Marins**  
/marinsmarina

## MEUS DEVANEIOS

Em meio aos devaneios da minha mente confusa  
Rendo-me aos desejos profundos  
que me queimam no silêncio desse quarto vazio  
Sentindo-me tão livre chego ao clímax da felicidade  
Que meu grito seja ouvido a longas distâncias  
Então sorrio e vos digo:  
Sou feliz assim.

Mell Calado - 05/01/17  
@Mell Calado

Marcado no Beco No Beco dos Barbeiros; Início de noite,  
Ainda clareada pelo horário "inventado" de verão  
Uma dose, uma gelada...; Outra dose, outra gelada...  
A poesia surge; Datilografada por esta "Lettera 22".  
As batatas chegam para saciar a fome estomacal  
E com o amigo "multi-poeta" Conrado  
Rascunhando desenhos ao lado  
Batata vai, batata vem entre um gole e outro  
Há pouco, felinos dóceis brincavam  
Brincavam e comiam comiam juntos d'uma moça  
que pelo jeito já conhece os gatos há tempos...  
Lembrei-me dos tempos em que tinha gatos  
E gatas também, pelo quintal onde morava quando criança  
Lemos de Junqueira a Pessoa; de Conrado a Mozer  
Passamos por Neruda e Oswald...  
E a poesia sempre presente; letras para lá e para cá  
Rasuras sobre rasuras... Pois, há mais de vinte D'estes anos em que vivo  
Não escrevia n'uma d'estas... Minha tia por acaso  
Esteve por aqui passando, assim como eu aqui.  
Agora, o local fechando, e eu versando...  
Na calçada e também no escur  
Vou escrevendo também caminhandc  
Com esta máquina à mão  
Boas prosas surgem, e o tempo correndo  
Vem um chopp artesanal, d'onde encontramos luz...  
Poesia, eis que estás aqui  
Datilografada em nossa frente...  
E agora, digitada... Impressa...  
E contigo lendo-a...  
Tomando-a para ti...



## O ENCONTRO

*Raphael Mozer*

*fb.com/raphael.mozerdasilva*

*ilustração: Conrado Gonçalves*

*conradopalavra@gmail.com*



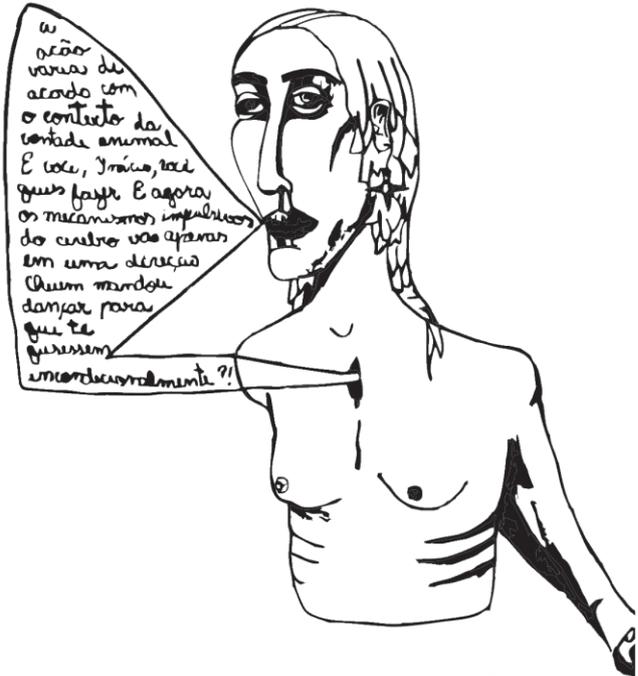
# DE VOLTA AO NADA COMPULSIVO

estou de novo pelas ruas  
mais sozinho do que nunca  
destilando tanta dor  
não saberia dizer para onde vou  
nem responder a uma simples pergunta

passo por um cara que me cumprimenta  
não consegue ver além do personagem  
pensando que sou algo inexistente  
retribuo apenas com ódio no olhar  
ninguém se entende nesses dias confusos

continuo caminhando  
impossível sentir-me confortável  
não consigo fazer-me compreender  
só o vazio tortura-me  
nessa angustia sem fim

chuto uma pedra  
conto as moedas para o cigarro  
mas nada consegue satisfazer  
tanta tristeza e maldizer  
perdi a viagem



**Anna Monahan**  
monahananna@gmail.com

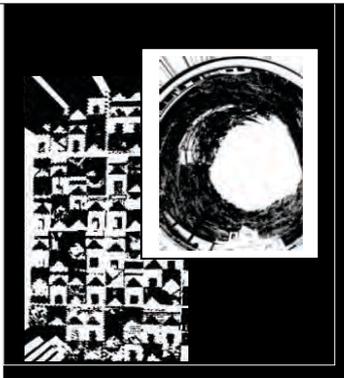
texto: **Fabio da Silva Barbosa**  
facebook.com/rebococaido

Entre os olhos refugiados de mundo...  
imundos de guerras, de sangue, de saques, de mortes  
inocentes...  
Entre os olhos refugiados de mundo, de casas, cidades,  
culturas, povos, sonhos transformados em escombros...  
Entre os refugiados do mundo...  
entre o Mar Mediterrâneo, ou a mira do canhão, entre os  
inocentes, grande maioria, ou o silêncio das nações...  
Entre os refugiados do mundo, sem guerra mundial como  
produzimos tantos milhões (?)  
...desterrados, desalmados, desesperados,  
alguns presos em seus campos...  
Que não são ainda de concentração...  
Até onde vamos...  
Porque e como endureceu nosso coração?  
Entre os refugiados de mundo, que mundo restará?  
Pois não cansamos de colonizar, não replantamos...  
Porque o capital faz tantas vítimas?  
Entre os olhos refugiados do mundo, de vazio, de angústia, da  
dor do mundo, da noite escura,  
da amargura de sermos meras figuras,  
de uma desconstrução.  
Para onde vão os refugiados do mundo?  
Como se reconstruíram?  
O que fazer quando não restar nem mundo?  
**Para onde fugiram?**



**George Ferreira Lau**  
[gferreira\\_lau@yahoo.com.br](mailto:gferreira_lau@yahoo.com.br)  
ilustra: rômulo ferreira

Serra da Mantiqueira na  
Rota da Arte Postal/Mail Art



**Prazo: até 22.04.2017**

Mais informações:

**Maurício Rosa**

**MR Papel – PAPELaria ARTesanal/Galeria Ambiente**  
**mr.papel@gmail.com || 24-3387.1539**



Exposições, palestras

poesia, ++++

fanzines ++++

e muito ++++

Edital:

<http://galeria-ambiente.blogspot.com.br/2016/12/edital-salao-artcorreios.html>

## salãoARTEcorreios Maio/2017.

+++++

Participe você também da **I Quinzena de ARTE POSTAL de Visconde de Mauá.**

Aberto a todos os artistas, fotógrafos, poetas visuais e interessados que queiram encaminhar pelos correios sua arte postal.

- **TEMA e TÉCNICA LIVRE**

*em pequenos formatos.*

Encaminhar para:

➡ **salãoARTEcorreios**

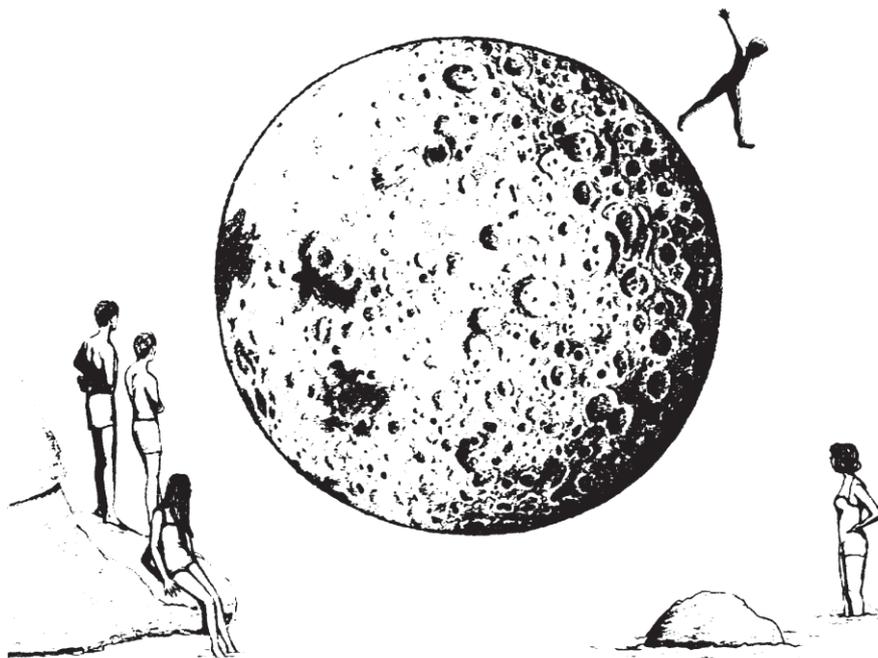
Endereço:

**Rua Presidente Wenceslau Braz s/nº,**  
Vila de Visconde de Mauá. Resende (RJ).  
CEP: 27553-970.



O REI DA FESTA - **Maurício Rosa** 2015  
TÉCNICA: FOTOARTE - Fotografia vetorizada de celular.  
Composição com Papelões, botões e gravuras.

Tão acostumada a ser mar  
Ao ver margens de rio só consegui ser correnteza  
Que transborda a cada limite  
Desmanchando o limitar em incerteza  
Tão pouco acostumada a fluir  
Capotei em trombas D'água  
Destruí toda a mata  
E o viver a me rodear chorei e vi alagar  
Tão presente em construir portos  
Criei icebergs insossos  
Que bem vejo para além da superfície  
Mas não posso com a alma tocar  
Sendo só e observando o todo  
Me transformo em água  
Sem ser mar, rio, gelo ou nada  
Me faço lago  
Sinto  
Existo  
Evaporo  
Chovo  
Rego  
Molho  
E tão nada mais me sinto  
Que me possibilito em ser mar  
Desaguar



 **Maria Mitsuko**  
MariaMitsukoemCatarse  
faz parte do Coletivo::  
**Nós, as Poetas!**

**Annie Davidson**  
[anniedavidson.com.au](http://anniedavidson.com.au)

# SOBRE LAMEIRO, SOBRE DOR E SOBRE VIDA QUE SE VIVE *(ou A Paixão segundo Guimarães Rosa)*

primeiro de tudo veio a chuva, de mansinho pois vindo... e deixou o vasto tudo mais úmido, bem mais que antes... era um lameiro só, de dar gosto... mas então eu só espiava ainda, que não era tempo já de aventurar... me deixei ficar, e ficando fui ficando... tinha uns escuros por vezes, mas logo depois tinha uns claros outrossim: era a vida, acho, brincando de gangorra... por deus, criatura, sai desse lameiro que já é tempo, pai gritou... arreda pé, luz dos olhos, não tá vendo sol chamar não?, mãe retrucou... ergui cabeça, enchi peito, estiquei pernas - cadê que pernas iam!... caramujo, tatu, caranguejo, homem: parece tudo de família mesma às vezes!... e novidade de minha parte não havia jeito de haver... fiquei mais... ocasião, pai veio com enxada, serrote, machado, anzol e se fez de besta em barganha: “serra, serra, serradô, eu com machado, você com anzó, vamos ver quem ganha dinheiro para dar à nossa vó”... ficando fiquei mais, e pai arregalou, bufou, pisou forte e se foi... voltou mais não... veio mãe pois acenando belezuras: olha, luz dos olhos, olha que balão mais lindo de morrer!... “cai-cai balão, cai-cai balão, aqui na minha mão, não vou lá, não vou lá, não vou lá, tenho medo de apanhar”... e ficando fiquei mais... mãe de tristeza entristeceu e se foi também... peguei frieira, bicho-do-pé, a espinhela caiu, o peito doeu de dor diferente, de dor que a gente não entende em pequeno e - vai saber por que - não entende nunca em adulto tampouco... e veio outra chuva, e outra veio também, e mais outra de soma, e o lameiro era a perder de vista então... até a vida largou mão da gangorra e arrepiou carreira dali... mãe não vinha mais não, que tinha ido já ninar anjos... pai tampouco não vinha, que - vista fraca e mazela dos anos – andava botando tento no chamado de mãe para ajudar no coro... passado o tempo de dias e noites, adiantado em anos, hora era de sentir terreno: mole estava ele ainda, embora que chuva chovesse mais não... chegando então veio chegando mão estendida, bonita de doer os olhos... abreviei medo e arrisquei passo em falso... desânimo querendo mais descanso bambeou a perna... acabrunhei... mão estendida bonita de doer os olhos de prontidão estava



no apesar... o certo destino possível da gente toda nem só lameiro é, falou... espiei sol de olhos fechados – dor doída de luz não acostumada e de beleza de mão estendida que chegando veio cegava então... arregacei coragem e senti vida num salto só... e vida tinha de todas as coisas aos montes!... vida sobejava num ajuntamento de ensurdecer sentidos!... escutei vida com respeito quase de rosário e mão estendida mostrava valia manifesta que vida tinha por demais... e explicava de par o que no tosco coração eu não compreendia já... por que dor dói? por que chuva vem, de mansinho caindo e lameiro só de dar gosto faz? por que sol se vai, e mãe se vai, e pai se vai também?... nem tudo mão estendida bonita de doer os olhos explicou – tempo encurtou e não teve cabimento de tudo dizer... de pouco que explicou, porém, em boa quantia muito explicou, no tempo mesmo em que me acarinhava aninhado... lameiro há léguas e anos atrás ficado ficou e campos de terra dura boa de pisar os pés pisavam já no dia em que mão estendida bonita de doer os olhos por sua vez partindo também se foi... de novo o peito doeu de dor diferente que a gente não entende, vontade vez mais deu de largar caminho reto, virar de través mais adiante, amaldiçoar engano e deixar o dito pelo desdito: voltar a ser homem de par com caranguejo, tatu e caramujo... tarde porém era já: idéia brotada na alma mão estendida bonita de doer os olhos deixado tinha – que era a de me ver feliz nessas infelicidades sendo... e feliz sendo fui, mesmo dor doendo... e mais adiante

além vida reencontrei que me acenava, e me encarou com ternura e sério comigo falando falou: não se antevê caminho no caminho não, seu moço, nem se atalha lição demorada de lameiro, de dor, de medo, de sol ou de chuva!... entendi o que de entender carecia, ao menos ali naquele ido dia: que em matéria desse entendimento professor muito ainda de teria... e vida sorrindo me sorriu de um jeito, mas de um jeito tão gostoso e de desuso, às gargalhadas quase, e me convidou pra brincar de gangorra... e no tempo em que a gente brincava, feito criança que de pronto voltei a ser, olhei mais longe, lá onde o dia quase exausto dava réstias de claridade ainda, e tomei ar enchendo pulmões... ventozinho morno vinha vindo, rumoreando nas folhas, na crista das águas, nos bichos amoitados e nas casas dos homens à roda toda... e passarinhos esvoaçando iam já, no proveito de ralos de luz em filetes, pacientes como toda criação deveria ser... e na hora tal em que os primeiros vultos da noite chegando chegaram, entendi que hora era de acender o fogo e pôr de posto a mesa... e isso só muito era já... e menos não era o caso... e para nunca mais haveria de o ser, amém.

**POEMA::Ara Nogueira**

aranogueira.tumblr.com

**FOTOMONTAGEM:::**

pombo+flores+Francis Picabia

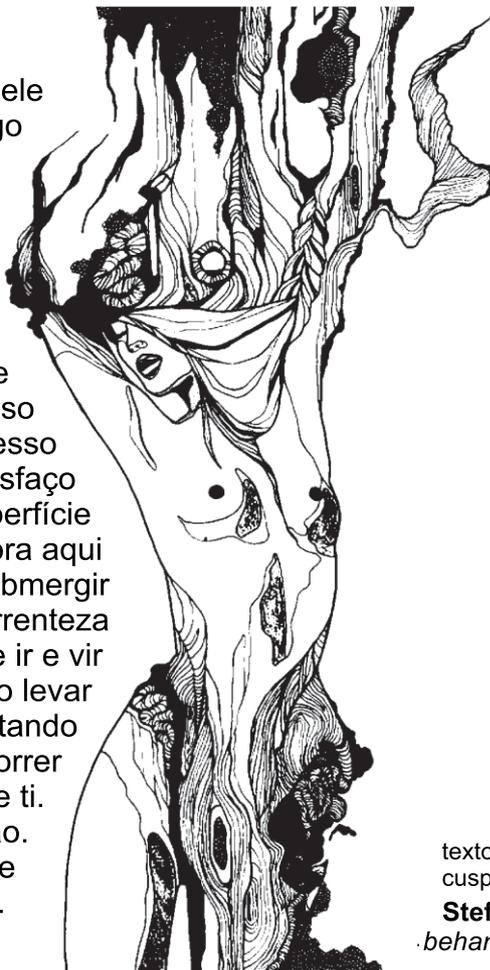
fb.com|experimentalismos



## Sobras de desejo Resto do que fomos Espuma dos dias Retalhos de festim

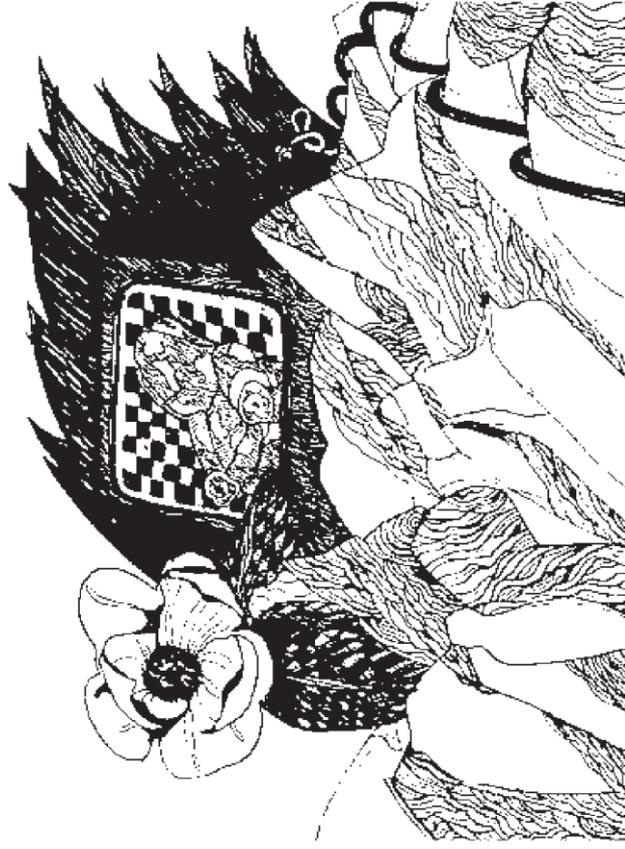
Nossos corpos em movimento  
Nas noites de lua cheia  
Poeira de estrelas mergulhadas  
em mar aberto  
Areia fina de mar  
Pó de conchas  
Purpurina  
Água e sal  
Salgado mar  
Canto de sereia  
Resto dos dias de espera  
Guimba de cigarro aceso na  
Janela  
Sobra a falta das nossas horas  
Não contadas  
Das poucas experimentações dos seus  
livros de alquimia  
Às vezes escuto o sussurro dos seus lábios  
Me querendo amolecer as paredes frias da crença  
De tu  
Do  
Repouso na rede das noites claras de Janaina  
Que gargalha ao pé do ouvido  
Das mentiras sussurradas que você  
Me conta

não te quero apenas pele  
porque eu te sugo  
em meu sentir  
e bastasse apenas essa  
pele  
pra eu querer te engolir  
te beber  
te fluir  
não te quero apenas pele  
porque dela me ultrapasso  
te atravesso  
me desfaço  
e bastasse a tua superfície  
agora aqui  
pra eu querer submergir  
nessa tua correnteza  
de ir e vir  
me deixando levar  
passeando e cantando  
por tudo a percorrer  
dentro de ti.  
não.  
apenas a tua pele  
eu não sei sentir.



texto: **Sula Suli**  
[cuspdiario.blogspot.com](http://cuspdiario.blogspot.com)

**Stefanie Nieuwenhuyse**  
[behance.net/stefanienieuw](http://behance.net/stefanienieuw)



gosto de sentir o vento noturno  
e as notas de passado que sempre carrega

lembro as madrugadas febris  
o gosto do vinho barato  
as conversas infinitas sob o azul salpicado  
de branco

da janela do quarto andar  
ainda\_pego as melodias  
não são mais as animadas da praça  
que evaporávamos ao éter da juventude

da janela insone escuto o perfume  
da noite  
inspiro a quietude  
sóbria da saudade  
dos jasmims a recolher  
pra enfeitar à mesa  
da sala amanhã  
de manhã



# MURILO MENDES ...SÓ UM TIQUIN

Para entender mais especificamente os aspectos surreais na obra de Murilo Mendes, é crasso que o próprio poeta desvele sua formação neste aspecto:

*Reconstituí também épocas distantes, a década de 1920, quando Ismael Nery, Mário Pedrosa, Anibal Machado, eu e mais alguns poucos descobríamos no Rio o Surrealismo. Para mim foi mesmo um coup de foudre. Claro que pude escapar da ortodoxia. Quem, de resto, conseguiria ser surrealista em regime de full time? Nem o próprio Breton. Abracei o surrealismo à moda brasileira, tomando dele o que mais me interessava: além de muitos capítulos da cartilha inconformista, a criação de uma atmosfera poética baseada na acoplagem de elementos díspares. Tratava-se de explorar o subconsciente, [...]; tudo deveria contribuir para uma visão fantástica do homem e suas possibilidades extremas.*

*(“André Breton”, in Retratos-Relâmpago, in Poesia Completa e Prosa, op. cit., p. 1238-1239.)*

Ou neste outro trecho:

*Desde a primeira época de formação do Surrealismo informei-me avidamente sobre essa técnica de vanguarda, a qual, embora eu não adotasse como sistema, me fascinava, compelindo-me à criação de uma atmosfera insólita, e ao abandono de esquemas fáceis ou previstos. Tratava-se de um dever de cultura. O Brasil, segundo Jorge de Sena, é surrealista de nascimento, de modo que a minha «conversão», ainda que parcial, àquele método, não foi difícil. [...]*  
*(“Giorgio De Chirico”, in idem, pp. 1270-1271.)*

Em face destes excertos, pode-se supor que a poética de Murilo Mendes não se atrela arbitrariamente ao movimento surrealista, nem tão pouco se dispõe a torna-se puramente surreal. Há um forte mecanismo de lucidez em seus processos semânticos e sintáticos que se distanciam em vários momentos da escrita automática pregada pelo surrealismo. Os principais aspectos surreais agregados pelo poeta à sua obra procuram uma formalização que não supere suas origens brasileiras e barrocas, e são inseridos nas imagens de inconformidade em que o poeta cria seus cenários múltiplos de misticismo, religiosidade e onirismo. As bases do surrealismos estão expostas em sua criação, tais como a onipotência do sonho, a encenação de paisagens oníricas, o espaço-tempo de associações insólitas e tantas outras que podem ser catalogadas em sua obra, sem supô-la exclusivamente surrealista. Podemos perceber que pelo viés religioso, o inconformismo do surrealismo se abastece claramente da ideia onipotente e fortíssima de Deus, tão presente na obra de Murilo Mendes, e que em diversos poemas se torna o centro nervoso de sua concepção dialético-poética.

# O HOMEM, A LUTA E A ETERNIDADE

Murilo Mendes

Adivinho nos planos da consciência  
dois arcanjos lutando com esferas e pensamentos  
mundo de planetas em fogo  
vertigem  
desequilíbrio de forças,  
matéria em convulsão ardendo pra se definir.  
Ó alma que não conhece todas as suas possibilidades,  
o mundo ainda é pequeno pra te encher.  
Abala as colunas da realidade,  
desperta os ritmos que estão dormindo.  
À guerra! Olha os arcanjos se esfacelando!

Um dia a morte devolverá meu corpo,  
minha cabeça devolverá meus  
pensamentos ruins  
meus olhos verão a luz da perfeição  
e não haverá mais tempo.



## FALTOU UMA ...

Texto::rômulo ferreira  
ilustração::Cesar Landucci  
[facebook.com/cesar.landucci](https://facebook.com/cesar.landucci)

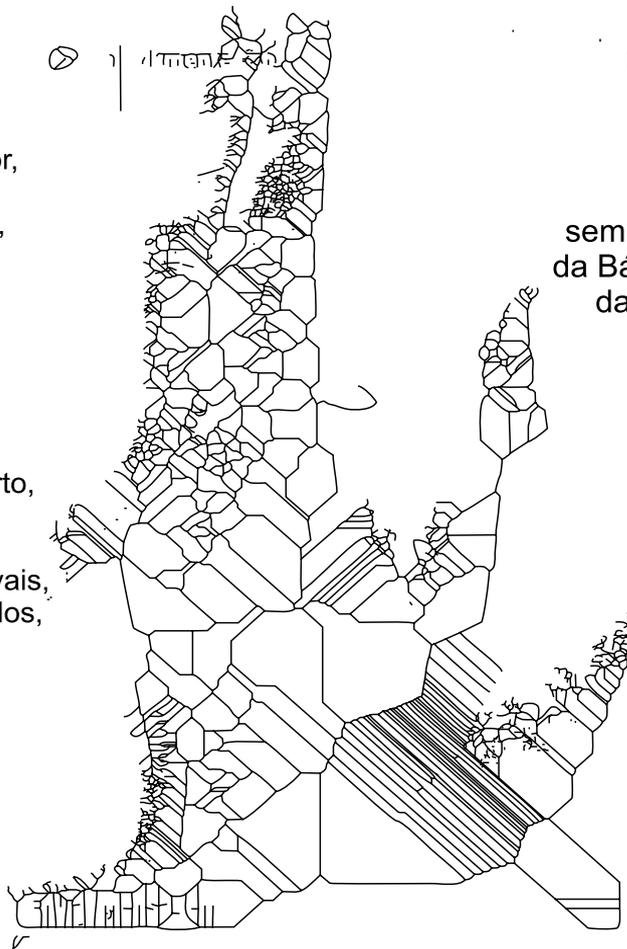
Faltou uma palavra um acento pra gente confortavelmente  
por as ideias em dia, faltou por sol neste café, argila neste  
céu, faltou vento na nossa cabeça quente... falta presença,  
presente nas datas certas, falta água nesta fonte, e fonte pra  
gente molhar o rabo neste dia de calor, falta pá nas hélices  
dos ventiladores, não pra espalhar mais dores,... mas pra  
tirá-las de perto da gente... Faltou tocar músicas, trocar  
cartas, faltam símbolos do zodíaco nesta mesa posta sem  
pratos e talheres finos... suavidade, falta muita suavidade  
pra esta lágrima descer sem ferir mais ainda meu dia... Falta  
seu olhar, falta a risada, abrir janela e ver o sol cair vermelho  
a t r á s da montanha que esconde a lua durante o  
reinado do sol no curto dia.



# roe

e espera,  
assim, um tanto pescador,  
aos ombros, tarrafas,  
ventania, não desespera,  
adora-te, a[dor]a-dor,  
a-dor, adora,  
avassala, dor,  
agora, gora, a-hora,  
em parte, parto,  
saúde, também,  
tô, meu bem,  
arte, lembranças do quarto,  
feito, pares, parecidos,  
aos olhos, não mais,  
por cá, cá costura, cá tuvais,  
dois, meros, desaparecidos,  
e esse amor, roedor,  
que dor,  
que voa,  
que dor,

**Gabriel Bicho**  
gabrielbicho.com



# (Staccato)

*fragmento*

Devente, vaqueiro, volante  
sem rumo, sem pouso, condado  
da Bárbara, seu louco semblante  
da prenda, remorso e cuidado  
paralisado um instante  
diante do demorado  
deciso e hesitante  
qual lado é o seu lado  
não esquecer o lembrante  
não se apegar ao restado

**José Jorge Miquinioty**  
miquiniotyj@yahoo.com.br  
ilustração: rômulo ferreira

# YTLUS EX vyrus.exe

Domitila MataH(ari)acker Pompadour Monroe  
mataharidomitila@gmail.com

Dados já não significam nada NSA pode manipular, tudo BGI  
bebês quinhentos pontões acima no QI Plutocratas comem  
crianças Estamos alheios aquilo que as tecnologias estão  
produzindo: eu tenho medo de transhumanistas Nano  
esculturas microprocessadores de vigilância NSA já sabia, eles  
sabem até quem, eh a Domitila Domitila MataH(ari)acker  
Pompadour Monroe *Cydades Transmydyas Out. 2016.*

## ANTINOUS

(movimento de árvores)

são questões  
terça feira eu prefiro você bem  
louco  
minha palavra & nada que você acredita  
poderá acontecer: ostras olhos injetados Hegel  
durma com as suas violetas do subúrbio  
a cidade tosse como  
um índio com febre  
São Paulo acorda em suas coxas  
banho quente com vapor  
em espiral focos de  
samambaias eróticas  
assim que você espreguiçar eu estarei  
sangrando

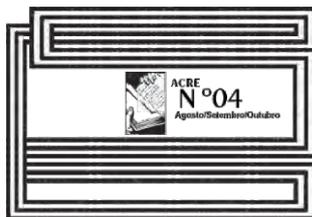
**Roberto Piva**  
Abra os olhos & diga AH (1976)

outras capas



## PRÓXIMA EDIÇÃO: Setembro '16

O **Suplemento Acre** é uma publicação independente (fanzine) que sobrevive às custas de contribuições livres ofertadas por pessoas que acreditam na arte e na sua livre circulação. Tiragem inicial: 500 exemplares na praça | capa em papel kraft. Fontes diversas | ilustrações cedidas por seus autores... Obrigado a todo mundo que acredita na proposta. TRABALHO ARTESANAL || MONTADO E EDITADO EM CASA.



## PARTICIPE! MANDE SEU MATERIAL

eufireiciclado.blogspot.com  
outrasdimensoes@gmail.com

 21-9-6822-3446 /outrasdimensoes

edições anteriores (grátis) em:  
[slideshare.net/romulopherreira](http://slideshare.net/romulopherreira)



LIVRE  
con  
tri  
bui  
ção

edições anteriores (impressa) 20 pratas cada: em a forma que temos que financiar novas edições e pagar as contas (luz+água+net+papel+etc)  
outrasedições@gmail.com  
fb.com|ameopoema

**CONTRIBUIÇÕES LIVRES: Banco do Brasil**  
Ag. 0473-1 Conta Poup. 16197-7 VARIÇÃO 51

